

# As laranjas do Lago Balatón

JOSÉ SARNEY

A política é sempre um campo fértil para grandes frustrações. As maiores causas às vezes se transformam, manipuladas e degradadas, em grandes vazios. Do desencontro entre o ideal e a realidade a história da humanidade está feita. O mais gritante, talvez o maior de todos, tenha sido o fracasso da doutrina marxista. Nascida para libertar o homem, dar-lhe o paraíso terrestre, transformou-se no maior algoz do próprio homem, criando as mais cruéis ditaduras já vividas pela humanidade.

Duverger, o mestre da ciência política francesa, num dos seus maiores livros, "As laranjas do Lago Balatón", analisou esta tendência à traição no ideal político e indaga "que vínculo une a esperança do poeta com a morte de milhares de laranjas nas margens do Lago Balatón?". O que de estranho e de satânico transforma heróis em vilões, apodrece a grandeza, decompõe o bem e leva à degradação a causa pública? No caso de Marx, diz Duverger que ele não foi morto, foi traído. Depois do cataclisma, é fácil especular onde estavam o bem e o mal. Croce procurou descobrir o vivo e o morto na obra de Hegel; e, no livro de Duverger, todos dizem que ele fez a mesma coisa: saber o que aconteceu com o marxismo na sua fase degenerativa, o que estava vivo e o que estava morto. Esse livro foi escrito antes da queda do marxismo, que voltou para onde devia estar, nas mãos dos filósofos e dos poetas, uma vez que políticos radicais o transformaram num monstro.



A frustração que ficou une-se aos milhões de mortos que tombaram por esta utopia e que em nome dela foram trucidados. Mas não só a frustração marxista, sendo a maior como demonstração, abala permanentemente as sociedades. Agora vê-se, depois da queda do Muro de Berlim, o que de decepção não ocorre em todos aqueles que pensaram num mundo encontrando um caminho de paz, um novo mundo de construção à base de uma justiça social e de uma cooperação efetiva, ao ver uma Iugoslávia mergulhada numa guerra estúpida, as lutas nacionalistas aguçadas e uma volta da história tentando reconstruir fronteiras do século XIX.

E o que não falar de líderes que desencadearam chamadas de esperança, suscitaram ideais em que não acreditavam e conduziram-se de modo a trair todas as paixões que sequestraram?

Hoje, um novo interlocutor da sociedade democrática apareceu à altura de aferição precisa. Antigamente, a legitimidade era dada pelas eleições. Esta se mantinha estável pela periodicidade dos mandatos. Hoje, com as pesquisas de opinião pública, os governantes têm de lutar diariamente por essa legitimidade. Ela se tornou fugaz.

Outro fenômeno novo, com a velocidade em que se processam os fatos políticos, é o envelhecimento programático. O que se prega nas campanhas e que mobiliza o povo para o dia da eleição, rapidamente desaparece e envelhece, o que faz com que a legitimidade seja corroída. Os parlamentos são os que mais sofrem e não é sem motivo que, a cada dia, eles são vítimas perante a opinião pública. Os seus conflitos, ao contrário dos conflitos que ocorrem nos outros poderes, Judiciário e Le-

gislativo, são públicos, são à luz do dia.

A vitória da democracia sobre o totalitarismo trouxe outros e novos problemas. Há o perigo de substituir uma utopia por outra utopia, um dogmatismo por outro dogmatismo. Os partidos políticos, base da sociedade democrática, têm de cumprir com sua finalidade e dever, modernizando-se, aptos para os novos tempos. Nós, no Brasil, não temos uma tradição partidária forte. Os partidos, fracos, não têm força de gerir crises políticas de grande magnitude.

Uma coisa estamos constatando. As nossas instituições chegaram para ficar. Elas estão resistindo a tempestades. As Forças Armadas abandonaram o militarismo, isto é, agregação do poder político ao poder militar. A queda do comunismo fez com que a economia não tema, nesses instantes, a vitória das esquerdas com a destruição da propriedade. Todos sabem que a economia de mercado não sofrerá abalos qualquer que seja a luta de foices no escuro da classe política. Isso evita pânico.

O essencial é a luta contra o desânimo e as frustrações. As decepções são também, como diria o mestre Vicente Rao, inconstitucionais. Junte-se a tudo a crise econômica com a queda de 4,9% da renda per capita, a recessão e a taxa de desemprego, em São Paulo, atingindo 17%!

Aí, as laranjas começam a morrer nas margens do Lago Balatón e não se sabe por quê. Depois, apodrecem.

Como diria o poeta Bandeira Tribuzzi, "que tempos de viver-se".

José Sarney é senador pelo Amapá e membro da Academia Brasileira de Letras.